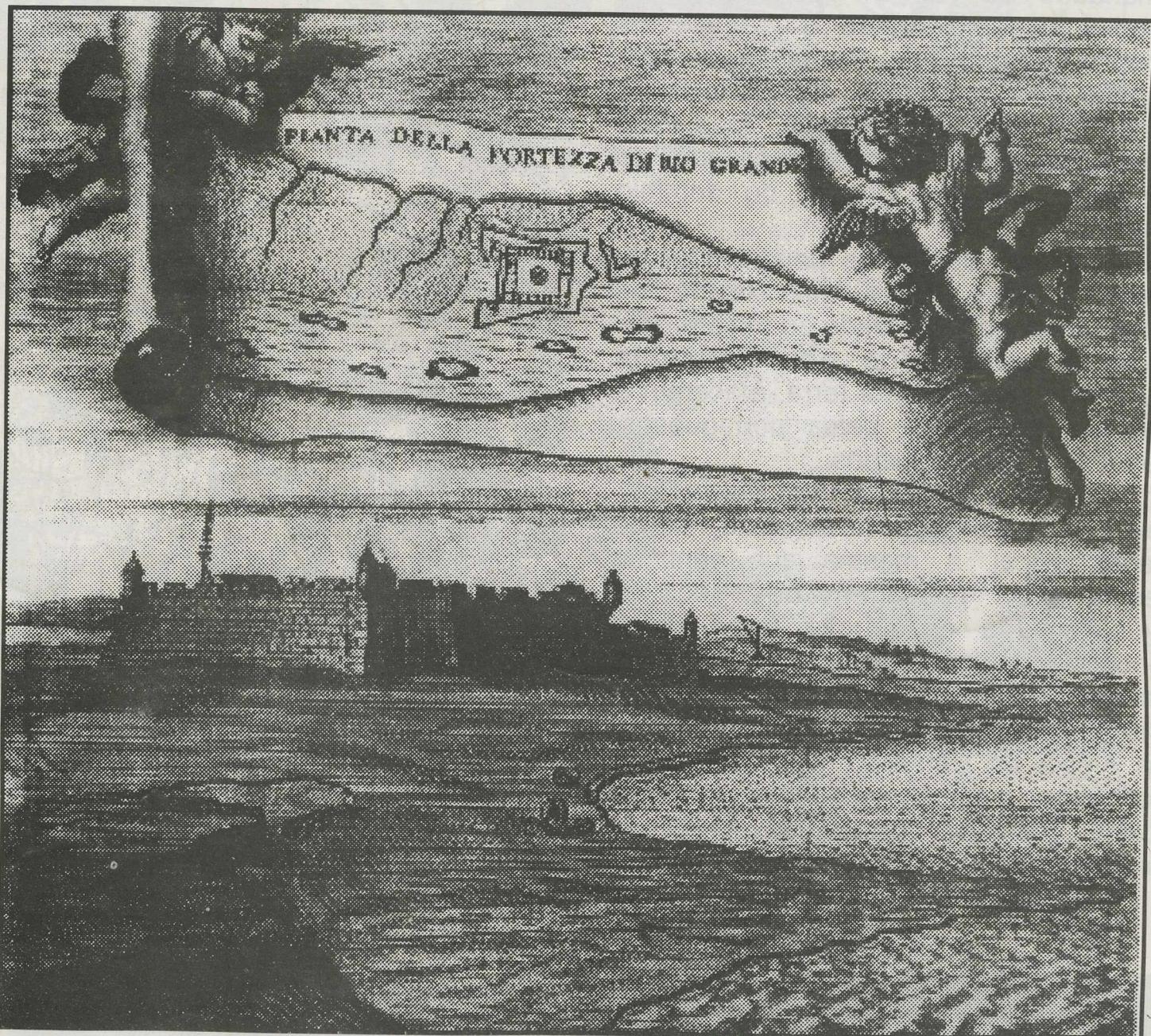


Potiguar

Ano 1 Nº 03

Fevereiro /98



Fortaleza dos Reis Magos
1598 - 1998

Mascarenhas Homem e a Fortaleza dos Reis Magos

Manuel Mascarenhas Homem, capitão-mor de Pernambuco, à frente de uma armada de quatorze navios, penetrou no rio Potengi, na tarde de 25 de Dezembro de 1597, dia do Natal. Cumpria ele ordens emanadas do Rei D. Filipe II. No dia imediato desembarcaram os quatrocentos homens trazidos de Pernambuco pelo capitão-mor, a fim de darem início à construção de uma fortaleza. Toda essa atividade bélica, com a finalidade de resgatarem o Rio Grande do domínio francês.

Dez ou doze dias depois daquele desembarque, dois mil frecheiros potiguares sob o comando do maioral Mar Grande, reforçados por cinquenta franceses radicados na terra, atacaram a paliçada construída pelos portugueses, sendo todavia rechaçados.

Aos 6 de janeiro de 1598, dia de Reis, teve início a edificação da fortaleza, feita de pedra e cal, a mesma que continua resistindo à passagem dos séculos. Ajudaram na construção trezentos e cinquenta indígenas vindos da Paraíba com o capitão-mor Feliciano Coelho de Carvalho. Os recém-chegados alojaram-se na Aldeia do Camarão, evacuada pelos potiguares, e que ficava no local onde hoje existe uma torre de telefonia celular, na proximidades da praia da Redinha.

Finalmente, no dia 24 de junho de



Ilustração: Aucides Sales

1598, Mascarenhas Homem dava por concluída a construção da fortaleza e entregava à Capitania do Rio Grande ao seu primeiro capitão-mor, João Rodrigues Colaço.

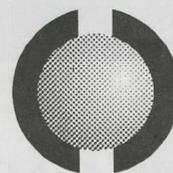
Olavo de Medeiros Filho
Sócio efetivo do Instituto Histórico
e Geográfico do R. G. N.

EXPEDIENTE

Diretor.....	Revisão.....
João Gothardo D. Emerenciano	-João Gothardo D. Emerenciano
	-Giuliano Emerenciano Ginani
Editor.....	Impressão.....
Moura Neto	-Gráfica Nordeste.
Programação Visual.....	
-Arandi Sales	
-Fellini Publicidade	



Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol
Natal/RN - CEP: 59 020 - 400



HIPÓCRATES
COLÉGIO E CURSO

*1999 - Ano do Quartocentenário da
Cidade do Natal*

Rua Jundiá, 421 - Tirol - Tel.: (084) 222-4367
Natal - Rio Grande do Norte

Opereta Camaleão

JOE ALVES
1970

NARRAREI O ENCONTRO VERÍDICO DE DOIS ECOLOGISTAS AMADORES COM UM CAMALEÃO DE ESTRADA.



TEXTO DE JOÃO ECHICO

OLHA LA' UM CAMALEÃO.

VERDE CAMALEÃO ATRAVESSOU A ESTRADA DA COR DA MATARADA E SINAL DE INVERNADA ALEGRIA EM MEU SERTÃO



A IMAGEM NA CABEÇA POUSADA
PRETENDE ENCONTRAR NOVAS ESTRADAS
GANHA RITMO E CADÊNCIA O CORAÇÃO
ASSIM COMPREENDO O SENTIMENTO
UM RETRATO COLORIDO EM MOVIMENTO
DISPONIVEL PRETO E BRANCO DA REALIDADE
TRAÇADOS DESEJOS E CONFLITOS
O SILÊNCIO PODE SER UM GRITO

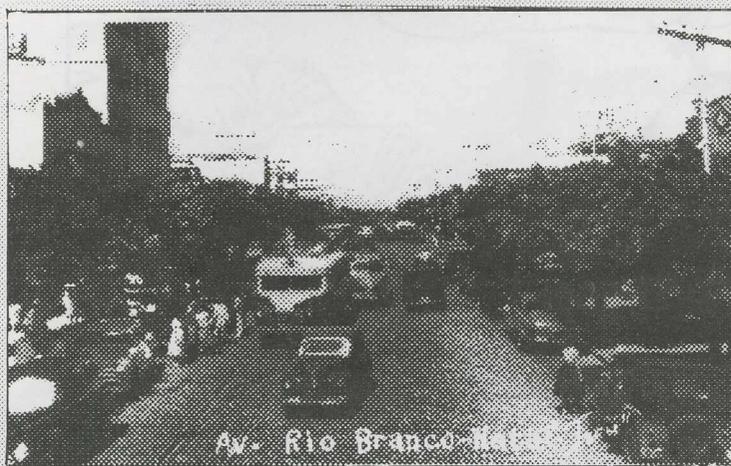


SEMPRE EXISTE ALGUM MISTÉRIO
POR DETRÁS DESTA PAISAGEM
MAS SO PINTA QUANDO A GENTE
OBSERVA NA VIAGEM
O OUTRO LADO DO MUNDO
AONDE MORA A VERDADE
ENSINANDO NESTA VIDA
QUE A GAUSA É A LIBERDADE



AMARELADO CAMALEÃO ATRAVESSOU A ESTRADA DA COR DA MATA QUEIMADA E SINAL DE ESTIADA EM MEU ENSOLARADO SERTÃO





-O senhor me dê outra nota, que essa não recebo não.

-Por que é que não recebe?

-A nota esta muito velha e ninguém enxerga os números.

-Ah, então você é cego. Porque eu vejo tudinho

-Olhe o senhor, até este pedaço está faltando.

-Mas isso não empata de ler os números. Os números estão é aqui.

O homem não queria se convencer que sua nota de cinco cruzeiros estava mesmo sem jeito. Ao meu lado, no banco do ônibus, discutia e discutia, debruçando-se quase sobre mim, a ponto de me atrapalhar a visão e quase o fôlego. O condutor também era intransigente e queria os dois cruzeiros da passagem.

-Veja se tem dois cruzeiros miúdos aí.

-Não tenho, não, meu senhor. Se tivesse não ia puxar essa nota de cinco.

E ficaram naquela conversa. Palavra pra cá, palavra pra lá. Até que não agüentando mais

aquele homem teimoso debruçado para cima de mim, pedi-lhe a nota velha, rasguei-a em pedacinhos e disse-lhe:

-Deixe que lhe pago a passagem.

O que eu queria era acabar de vez com aquela zoada em cima de mim. Sabem que não gosto de zoada. Se não sabem fiquem sabendo agora, porque pode qualquer um de vocês que me lêem, um dia viajar comigo em qualquer estrada da vida. Então não faça zoada. Mas, voltemos ao ônibus e seu passageiro teimoso. Quando tinha rasgado a nota e pago quatro cruzeiros, por mim e por ele, e já me julgava tranqüilo, o tal homem bate-me no braço e diz:

-O senhor está me devendo 3 cruzeiros.

-3 cruzeiros de que?

-Ora, o senhor rasga meus 5 cruzeiros, paga 2 de minha passagem. Cadê o troco?

-Que troco? - perguntei já começando a querer acreditar na matemática do homem.

-O troco dos meus 5?

-Meu amigo, - tentei explicar - eu quis lhe fazer um favor, porque aquela nota não prestava mais. O senhor é que podia me dever 2 cruzeiros. Mas, não deve nada.

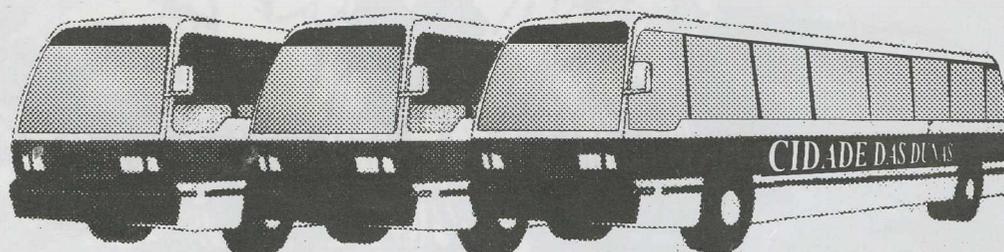
-Não deve nada o que? O senhor quer me enganar com 3 cruzeiros.

Antes que o homem falasse alto e todo o ônibus soubesse que eu o queria "enganar com 3 cruzeiros" puxei miúdos e lhe dei, convencido de que não dou mesmo nem para fazer caridade nem para matemática.

Berilo Wanderley

Revista da Cidade - 08/10/1958

CIDADE DAS DUNAS



Av. Capitão Mor Gouveia, 874 - Bom Pastor - Natal - RN - Tel.: 213.3508



natal
vis lumbrancias pó te guares
aureolascências
au céu luzares
sóis giram sóis
só nazuuul ar
mar mar avia ilha mar mar

re sol dunasncia
pré princípio aos transeuntes
surb parasitatum provençai
passo a braço é terno

elo

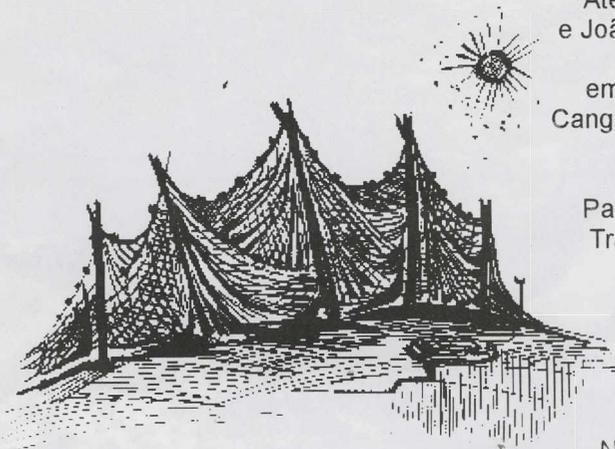
tal nau natal
posto por te porto
potengy rio arrimo
fluimina ocasos

berço

polis pólo pólen
horizontoten da córtex

natal letal

Plinio Sanderson (1986)



Meninice

Meninice...
Escola de minha mestra Aguidasinha.
Garotos cantarolando tabuada.
Tagarelice.
Cara sisuda de decurião...

Banhos no Baldo, fugas pra Redinha.
Guajerús, camboins, água salgada.
As águas estão de reponte nas gamboas.
Siris, tresmalhos, jangadas de pescar.
Pescadores, cantando velhas loas.
Marés de enchentes, marés de preamar...

Meninice...
Ateneu... Aulas de Padre Calazans
e João Tibúrcio... Xarias, Canguleiros...
Magotes de arruaceiros
empacados na fábrica de Tecidos.
Canguleiro não sobe, Xarias não desce!
Que doídice!...

Passeio nas Quintas e na Aguada.
Travessuras. Fugida das escolas.
Pegas de passarinhos.
Gaiolas.
Enfieiras de cajú...
Descanso ao meio dia.
Carne assada...

Nem ninguém maginava no "Jaú".

Jaime dos S. Wanderley (1977)



Ilustrações: Newton Newton



EMSERV

Empresa de vigilância e Transporte
de Valores Ltda.

Av. Campos Sales, 682 - Tel.: (084) 211 4955 - Natal/RN
Rua Epitácio Pessoa, 527 - Bom Jardim - Mossoró/RN

Rotas

Viagens & Turismo

*Fortaleza dos Reis Magos
à 400 anos fazendo história*

Av. Afonso Pena, 627 - Tirol - CEP: 59.020 - 100
Fone: (084) 211 - 2950

Bairro de Mãe Luíza



O Surgimento do bairro de Mãe Luíza, situado na Região Administrativa Leste, ocorreu na década de 40 sob o signo protetor da parteira Mãe Luíza que originou o topônimo.

O primeiro habitante do bairro, Manoel Pereira Filho, seu "Néneo", foi o desbravador do morro quando se estabeleceu no lugar exercendo a atividade de tropeiro, vendendo areia e barro para construções: "quando cheguei, tinha uns quinze anos, não tinha, nada por aqui, era

só mato. Só tinha uma casa, que era a que eu morava. Meu movimento era botar areia de praia. (...) Era muito jumento, agora é só carroça. O pessoal vinha pegar areia, e todo fornecimento era comigo. Eu fornecia à Base Naval e para construções de casas. O quartel dos americanos durante a Guerra funcionava onde hoje tem a 4ª DP. Peguei muita chepa lá. No quartel tinha um cacimbão, e eu tirava água para vender ao povo, depois construíram um chafariz".

Seu "Néneo", que chegou a ter



Instituto de Planejamento
Urbano de Natal - Iplanat

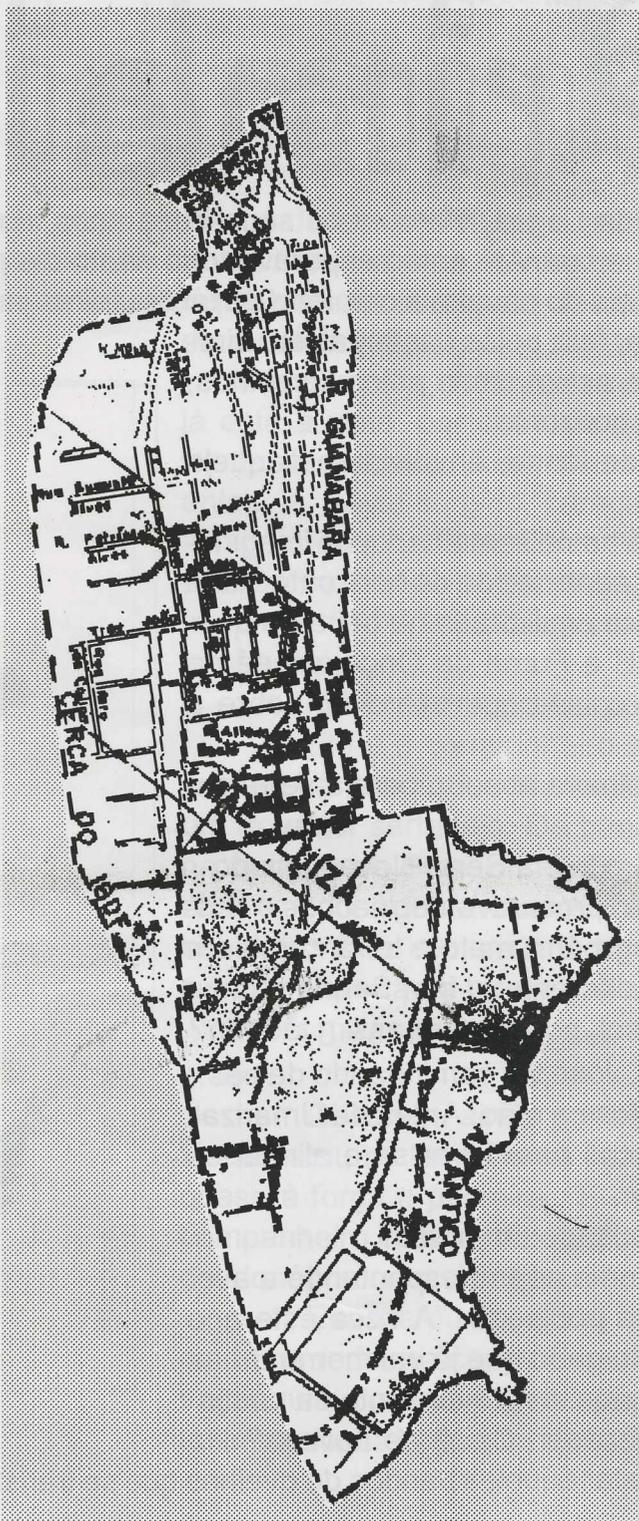
Rua Frei Miguelino 116 - Fone: (084)
211, 4808 fax: (084) 212-1394 -
CEP: 59.012-180 - Natal / RN

VEREADOR
OLEGÁRIO
MANDATO VIVO

criações de gado e bode próximo a sua casa, relata que antigamente a localidade era chamada de "Novo Mundo", mas depois, nas reuniões de moradores, fincaram o pé para botarem o nome de Mãe Luíza, a parteira que tinha aqui, mas que não cheguei a conhecer".

Os primeiros logradouros do bairro, como mostra a planta da Cidade elaborada em 1958 por Sophia Pípolo Milan, são as ruas Guanabara, Atalaia, Sagarema, Camaragibe, Tamaretama, e a Estrada do Farol, atual Avenida João XXIII.

A Lei 794, de 23 de Janeiro de 1958, sancionada pelo Prefeito Djalma Maranhão, em sua primeira gestão, criou oficialmente o bairro de Mãe Luíza através de um plano de loteamento. A implantação da iluminação pública, com os primeiros postes sendo instalados na



administração do governador Aluizio Alves, no início da década de 60, foi outro fator para seu desenvolvimento.

A Lei nº 4.330, de 05 de Abril de 1993 alterou a Lei 794/58, redefinindo os limites do bairro ; tendo a Lei nº 4.663, de 31 de julho de 1995, regulamentado a disposição sob uso do solo, limites e prescrições urbanísticas da área de interesse social - AEIS - no bairro de Mãe Luíza.

João Gothardo Dantas Emerenciano
Sociólogo

Fontes

"Mãe Luíza. Refavela em busca da modernidade", de Paulo Augusto (Tribuna do Norte, 29/03/1992); " Guia da Cidade do Natal", de J.A Negromonte e Etelvino Vera Cruz Natal, 1958; Diário Oficial do Estado; edições de 25/01/1958; 06/04/1994; 02/08/1995.

Deputado

Valério Mesquita

1998

ano do centenário de Luís da Câmara Cascudo



VEREADOR

Juliano Siqueira

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR

PCdoB

A Primeira F

José, filho de um morador da Lagoa, vibrou, nos seus treze anos, quando recebeu consentimento de ir sozinho à feira de Umarizal. Até então esperava todo santo dia pela realização do seu sonho, sonhado muitas vezes na garupa do cavalo, a caminho de tantas feiras junto ao pai!

Justo, portanto, o assoviar feliz pelas caatingas em direção à vilazinha. Quem o visse assim, solto pelos caminhos, havia de notar no olhar dele o horizonte.

A serra! Por que, vista de longe, envolvia-se naquele mistério?

Grande, azul e distante, já havia semelhado, na imaginação de José, um touro imenso adormecido no horizonte. Nela havia a Pedra do Sapo, sempre equilibrada na beira da quebrada, tal um sapo de perfil. E a Furna da Onça, ao pé da ladeira, que era povoada de coisas que exerciam sobre a gente medo e fascínio.

Por tudo isso, o menino olhava absorto para a serra, em pleno assovio.

Se era o caso - pensava - de ir a Serra Nova subindo a ladeira na garupa do cavalo, procurava sem achar o encanto que a serra tinha de longe. Era mato e terra como em qualquer lugar. Só uma coisa diferente: o frio. Sendo o chão de Serra Nova mais perto do sol, por que era assim tão frio?

Na estrada avermelhada, José vai caminhando de pés descalços, com o par de chinelos na mão. Antes de Umarizal, irá parar no Riacho das Oiticicas para lavar-se e alinhar-se para a feira.

Num pau de cerca, vê pousado um urubu:

-Xô, bicho nojento! Joga uma pedra, espantando a ave.

Vê outros urubus: carniça por perto. "A seca este ano vai tirar o couro". O menino vê o gado que já vai morrendo, as carcaças brancas pontilhando aqui e ali o cinzento da caatinga. E a urubuzada no azul de doer. Cadê as nuvens? Há quanto tempo deixou-se de avistar aqueles bandos de ovelhas que se transformavam, à vontade da gente no que a gente quisesse!

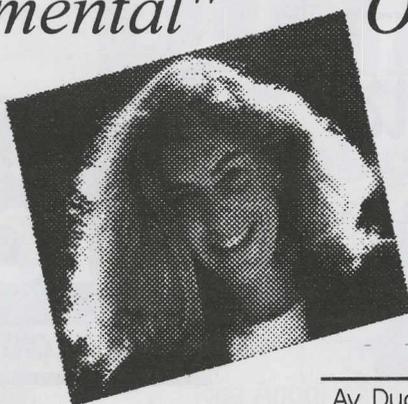
José passa pelo terreiro do seu Boágua. Na frente da casa de taipa, equilibra-se, num esforço de estacas, a latada coberta de palha de carnaúba. Sombras estendem-se no chão. Lá dentro, ele vê a sala



"Beleza é fundamental"

O resto é bonitinho...

O tratamento ideal
que seus cabelos
e pele merecem,
feito por excelentes
profissionais.



NALVA
CABELO'S & BELEZA

Feira de José

de frente com o pote d'água a um canto, canecos de lata pendurados acima, na parede. De um lado e outro, feijão em casca e espigas de milho secas. Fora da casa, dentro do buraco que deu barro para a construção da casa, os meninos do Seu Boágua brincam com gado de osso. "Gostaria de morar aqui", diz mentalmente José.

Mas não pára, pois precisa chegar cedo na feira. Umarizal já está à vista: por cima da garrancheira de um morro na frente da estrada, José divisa os telhados da vila. Pouco antes, já havia surgido, característica, a torre da Igreja.

Feira e zoada. Gente entranchando pelas bancas comprando, vendendo ou simplesmente vadiando. José no meio de todos, incluído nesta última categoria. Avista um conhecido:

-Chico qu'ê que faz por aqui?

Ele e o companheiro saíram andando. Ainda compraram na banca de folhetos "Grinaura e Sebastião", de um trovador sertanejo. De banca em banca, esbarraram na bodega do Seu Tonho. Em pé, desconfiado, José ficou observando: alguns homens chegavam e pediam lacônicos a bebida, tomada com seriedade. Outros conversavam demais, cuspiam no chão e terminavam por solicitar:

-Bote a saideira, seu Tonho. Mas essa vai ser de graça.

Observou ainda por algum tempo. Quando deu-se fé encostou-se também no balcão e pediu uma. Engoliu quase à força a primeira. "É mais ruim do que achava". O companheiro insistia, virando o segundo copo, já acostumado. José tomou mais uma, perdeu a conta.

Exasperou-se, disse besteiras, surpreso por estar caído na rede, na casa da madrinha. Assim, com uma sensação ruim no estômago e a cabeça dolorida, José, filho de um morador da Lagoa, foi apresentado ao mundo dos grandes.

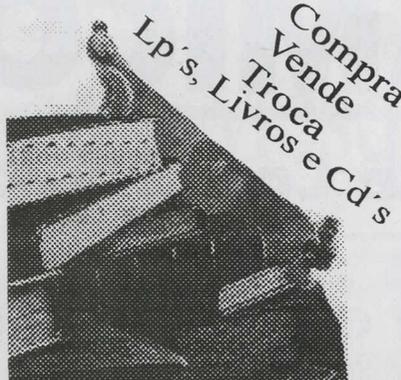


Ilustração: Newton Navarro

Manoel Onofre Jr.
Escritor

Transcrito do livro *Contistas*
Norte-RioGrandense. Natal, 1966

SEBO
CATA
LIVROS



Rua da Conceição, 617 - Cidade Alta - Rua Vaz Godim, 86 - Cidade Alta

Saint Antoine Restaurante

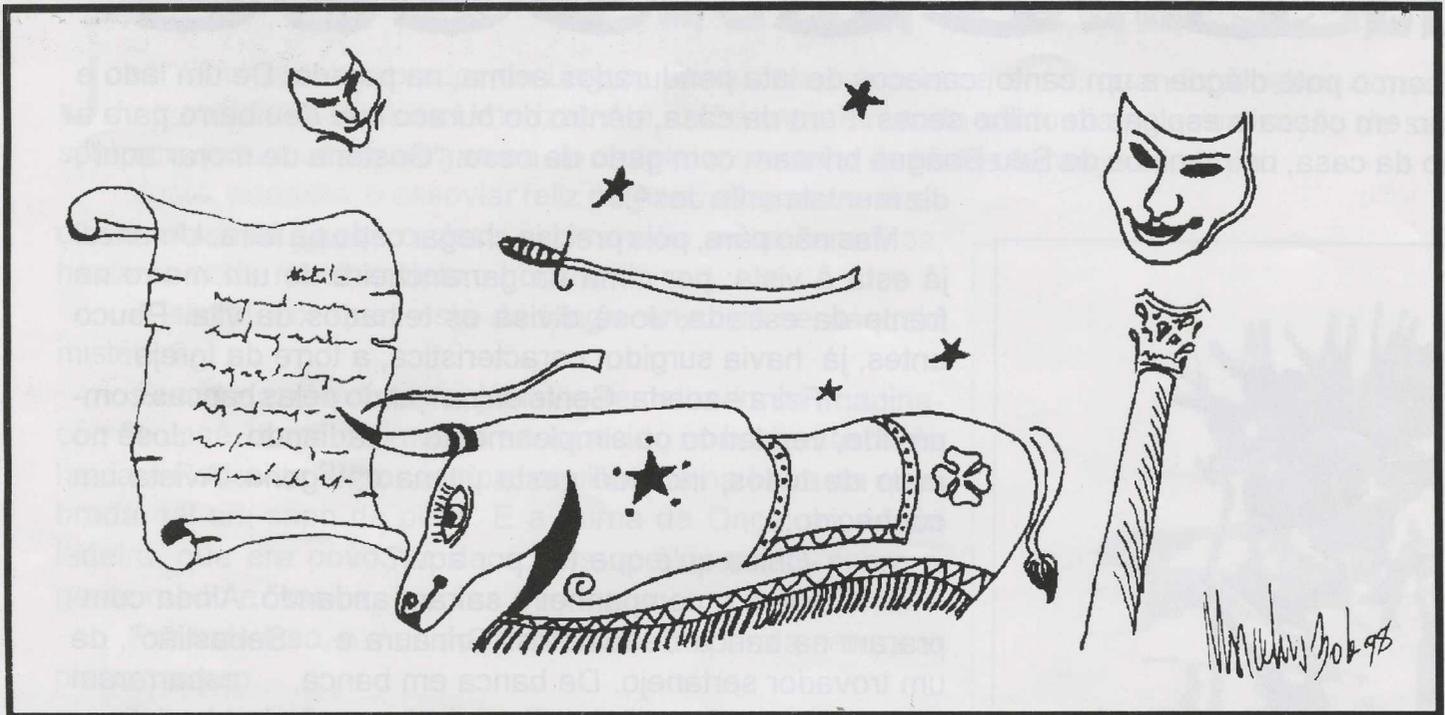
O cardápio é variado e com
muita salada ao gosto da
deliciosa "COMIDA CASEIRA"

So paga o que come



Rua Santo Antônio, 651 (Entre o convento Santo Antônio e a antiga Catedral)

A história e suas revelações



Antes de fazermos análise crítica, ou mesmo juízo de valor sobre o nível da produção teatral norte-rio-grandense, sobretudo natalense, o que não nos interessa, porquanto se faz necessário preservar a velha ética aristotélica, é oportuno e importante revelarmos a gênese do teatro local, para compreendermos um pouco o atraso que o retarda, mesmo que a palavra "atraso", traduzida como "decadência", "declínio", possa gerar um sentimento de indignação e revolta contra o autor destas linhas. Visto que nossa incapacidade de avaliação interior não nos permite enxergar além do palco do Teatro Alberto Maranhão, e isso obnubila sobremodo nosso raciocínio, enquanto

participes de uma mesma classe que, desde tempos imemoriais, é omissa e acomodada. Por tudo isso, é chegada a hora de uma tomada de posição da trupe, visando o recrudescimento das artes cênicas sandovalianas.

Sem mais preâmbulos, tratemos então de conhecer os primórdios do teatro potiguar, que nos distingue e nos revela. Porque no dia 23 de agosto de 1730 o Rei de Portugal, Dom José I (1714-1777), remete uma carta ao Capitão General da Capitania de Pernambuco, informando que o capitão-mor do Rio Grande "Me Representou em carta de dez de Maio do anno passado (1729) que com a ocasião do



DINÂMICO

O Cursinho de Cara Nova

20 anos de experiência

Rua Apodi- Cidade Alta - Fone: (084)222 - 0992

aviso que lhe fizestes de estarem celebrários os desposórios dos Sereníssimos Príncipes de Brazil e Astúrias e que se festejasse tão plausível notícia, elle o fizera com nove dias sucessivos com Comédias e várias festas de Cavallo e outras celebridades illuminando-se trez noites todas as casas da dita cidade avantajando-se nas ruas pois se acendião nellas oitenta luzes cada noite, sendo toda esta despeza a sua custa, porem procurando-se se havia alguma Ordem para se darem Propinas e cera só se descobriera que na Parahiba ao Capitão-Mor se derão quatro arrobas de cera da Fazenda Real e que a este exemplo as pedira ao Provedor da Fazenda dessa Capitania segurando o seu valor no caso que lhe não permitta a dita Propina, em cuja attenção Me pareceo Ordenar-vos informeis com vosso parecer". Eis a transcrição do documento sobre a mais antiga manifestação teatral na capitania do Rio Grande.

Debruçados sobre a epístola real, com seu português setecentista, tiramos uma ilação que podemos adequar ao atual estágio do nosso teatro. O fulcro da questão gira em torno do ano (1730) em que foi realizado, segundo o documento, o primeiro evento teatral em nossa província. O que nos leva a crer que o teatro chegou muito tarde e atrasado ao encontro de Natal, quando sabemos que muito antes de 1730 já aconteciam representações dramáticas no então Brasil colônia. Consta nos anais da história que o primeiro espetáculo teatral realizado no país é O Auto de Santiago, apresentado na Bahia em 1564, por missionários jesuítas. Daí deduzirmos que o nosso atraso cultural é remotíssimo, pois que a fundação de Natal data de 1599, mas só em 1730 é que o teatro despontou na cidade.

Duzentos e sessenta e oito anos depois da tal carta portuguesa, Natal mudou em muitos aspectos, metamorfoseando-se nessa cidade aculturada tal qual nós a conhecemos hoje como o "quintal" de Salvador. Mas será que a política cultural mudou em nossa cidade, na área

teatral? Você acha, caro leitor, que há grandes autos natalinos ou comédias populares em nossas ruas, que lembrem remotamente a pujança e a monumentalidade do Carnatal? Ou então um projeto teatral à semelhança do "Seis e meia", que traga uma grande atração de fora e apresente uma local? E o tão esperado concurso de dramaturgia, por que não sai da gaveta? E a nossa escola de teatro? Estas questões são fundamentais para todos quantos queiram discutir seriamente o fazer teatral na cidade que se orgulha de Racine Santos e João Marcelino.

Entretanto não há nada perdido. É preciso persistir, mirar-se no exemplo de Jesiel Figueiredo, que numa Natal mais atrasada que a atual, conseguiu montar todos os espetáculos que sonhou. Faz-se imperativo que os artistas, intelectuais e produtores locais acordem, antenem-se e saiam do casulo, no sentido de abrir discussão sobre as questões que atrasam o nosso fazer artístico-cultural, exercitando a cidadania nossa de cada dia, quem sabe, através de um seminário. É esse o momento. E quem se atrasar, talvez nem ouça mais a banda passar, tocando coisas de amor ou de ódio.

Paulo Jorge Dumaresq
jornalista e dramaturgo

Fonte: RIHGRGN, Vol. XIV - Ns. 1-2-1916-pg. 43
- Almanaque Abril/1996 - Abril multimídia

Mandato Popular - PT

V E R E A D O R
FERNANDO MINEIRO

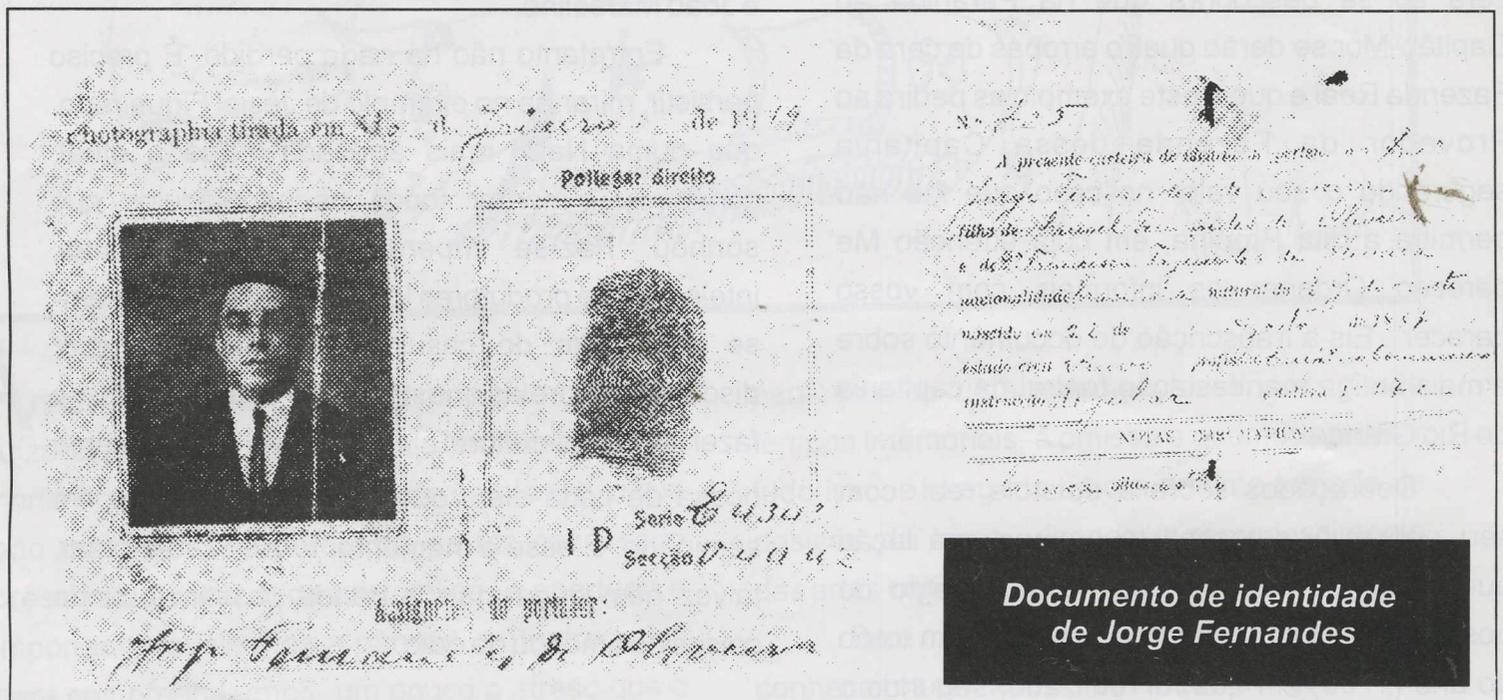
***A Cultura é a alma da cidadania
por uma cidade cidadã***

Jorge Fernandes, Grão - Vizir do Magestic (II)

Em 1919 os poetas Jorge Fernandes e Deolindo Lima compraram o recém inaugurado café Magestic, que funcionava na Rua Ulisses Caldas, esquina com a Rua Vigário Bartolomeu, no prédio onde Ezequiel Wanderley manteve o bilhar potiguarânia, no princípio do século.

Um grupo seleta de freqüentadores, sob a batuta de Luís da Câmara Cascudo e Henrique Castriciano, fundou a Diocésia, agremiação que se reunia em um reservado do café para discutir arte, literatura, política e... sobretudo beber.

O escritor João de Amorim Guimarães, um dos sócios fundadores registrou a história do café e as "peripécias" de Jorge Fernandes, Grão-Vizir da Diocésia, no livro Natal do Meu Tempo, editado em 1952.



Zé Veixado era um carreteiro comedor de "cana", que vivia sempre pelo Magestic, filando "chamadas".

Quase sempre entrava maliciosamente, fazendo que não "tolerava" Jorge Fernandes, nem agüentava pilhérias...

Quando Jorge o avistava, virava-se logo para a "turma", piscando um olho; e perguntava:

-Vocês já viram pato morrer afogado?

E, apontando para Zé Veixado, completava a frase:

-Pois, está aí.

Zé Veixado parava, olhando Jorge; danado da vida, mas ficava ali, calado, como se hipnotizado.

Jorge continuava a história:

-Um dia... Pio Barreto vinha do interior, pelo trem da Central. Trazia, para presentear um amigo, um casal de patos.

Na estação, à cata de um carreteiro, encontrou "esse" aí, e encarregou-o da condução da encomenda:

-Rua tal, número tanto. Entregue lá e diga que fui eu quem mandou.

Zé Veixado saiu com os patos. Era um dia de chuva torrencial. A enxurrada inundava as ruas...

Quando Pio chegou em casa, nada de patos. Não chegara ali portador nenhum trazendo patos.

Pio viu-se logrado, mas, como guardara na memória a fisionomia do portador, ficou diligenciando encontrá-lo; e, três dias depois ao dobrar uma esquina, deu de cara com Zé Veixado:

-Ei...ei...cadê os patos que eu mandei você deixar lá em casa?

-Ora, "seu" Pio, eu nem lhe conto. O senhor não viu aquela chuvarada? Pois bem, quando eu fui atravessar a Rio Branco, a enxurrada era tão grande que escorreguei e caí com os patos dentro d'água... e os patos, coitadinhos, morreram afogados...

A "turma" vibrava, mas Zé Veixado, ali, em pé, ficava satisfeito com a glória suprema de poder, em represália, chamar Jorge de:

-Cabra sem "vergonho"...

Porém Jorge continuava:

-A melhor história dele é a do peru...

Um sujeito mandou do interior, por um conhecido seu, que vinha a Natal de trem, um peru de presente ao Dr. Manoel Dantas.

Na estação, o portador encarregou Zé Veixado de levar o peru ao seu destino, pagando logo o carreto, adiantadamente.

-Diga lá que à tarde aparecerei...

Zé Veixado, no meio do caminho, matou o peru...

Quando chegou na casa do Dr. Dantas arriou o peru morto na calçada, e bateu.

Quem veio atender foi a senhora do Dr. Dantas.

-Está aqui este peru-dizia Zé Veixado-que um homem que veio no trem mandou trazer. Ele disse que mais tarde vem aqui...mas o peru chegou morto...olhe ali...

-Se o Peru está morto, para que você veio trazê-lo? Leve isto daqui...

-Ah! Isto mesmo, não! - respondeu Zé Veixado - eu ganhei o frete para trazê-lo. Agora não tenho mais nada com isto.

Ante a iminência de ficar com o peru morto ali na calçada, a senhora do Dr. Dantas perguntou:

-E quanto você quer para levá-lo e jogar fora?

-Dois mil réis

Zé Veixado recebeu o preço estipulado. Peru debaixo do braço, foi direto ao mercado, comprar, com os dois mil réis, o tempero necessário ao opíparo banquete...

Nesta altura, Zé Veixado bem que sabia que estava na hora da benevolência. E então dizia:

-Homem, deixe de suas mentiras. Me dê logo a minha "nica" para eu tomar minha "chamada".



Uma das coisas porque o Capitão Lustosa mais dava cavaco era se o chamassem de "velho", ou se punham alguma dúvida à sua "mocidade".

Um dia, na "roda", fazia ele o elogio do Elixir de Velame, remédio que usava sempre e

do qual vivia a fazer propaganda. E dizia:

-Vocês não sabem a excelência do Elixir de Velame. Aquilo é o melhor fortificante do mundo...

Jorge Fernandes, de lado, esperava a oportunidade para entrar no assunto. Numa folga, Jorge inticou:

-Capitão, eu estou de acordo, mas...tenho uma cisma...

-Cisma? De que? - perguntou o outro.

-É que dizem que Velame faz a gente ficar "velho"...

O Capitão pinotou da cadeira. E procurando um motivo para atestar ainda mais a sua tão decantada "mocidade", agora, com a sua declaração, posta em flagrante dúvida, sentenciou:

E pra que é que eu quero conhaque e noz-vômica?

Disse isto e saiu de porta a fora, danado da vida, ante a risada irônica dos presentes.



De outra ocasião, um freguês eventual achegou-se ao balcão da copa, onde Mandioca estava ocupado no seu costumeiro trabalho, e foi dizendo:

-Faça favor...um copo d'água.

Servido o freguês, que retirou-se logo, Jorge xinga Mandioca:

-Mandioca! você agüentar calado um desaforo destes?...

-Que desaforo? "seu" Jorge...

-E aquele sujeito não disse aí: faça favor?

-E isto é desaforo?

-E você não sabe, não?

-E é desaforo mesmo, "seu" Jorge?

-Mandioca, "faça favor" é uma expressão francesa que quer dizer: **filho da égua**. Portanto, foi mesmo como se ele tivesse dito: "filho da égua, um copo d'água"...

Mandioca ficou calado e continuou o seu serviço, mas quando, daqui a pouco, viu-se foi o "rolo"...

O fiel empregado cobria de desaforos um outro freguês que, com sede, tivera a petulância de dizer para Mandioca:

-Faça favor...um copo d'água!

23

Em Natal
F.:222-7114

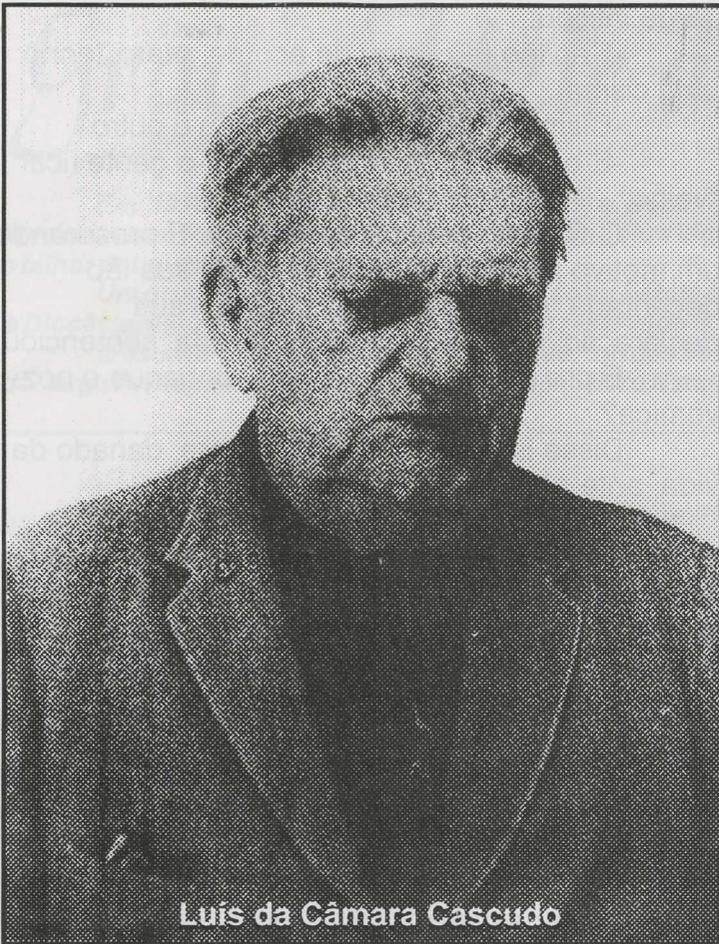
FISK

20

Em Mossoró
F.:321-2301

Temos mais experiência e tradição
MATRÍCULAS ABERTAS

Cascudo e Ney Marinho



Luís da Câmara Cascudo

Cascudo, apesar de todo o seu amor à terra onde nasceu, o que lhe valeu o apelido afetuoso de "provinciano incurável", outorgado pelo escritor baiano Afrânio Peixoto, costumava dizer que "Natal não consagra nem desconsagra ninguém".

Talvez, por isto, os seus livros foram quase todos publicados fora da Província, em editoras do Sul do País, com exceção de alguns que a

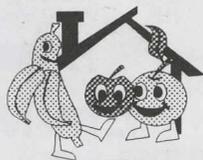
Universidade da Paraíba editou. Abrimos um parêntese, para fazer justiça a Sílvio Pedroza que, quando Prefeito da Capital, encomendou-lhe a **História da Cidade do Natal**, gesto que se repetiu, quando Governador do Estado, pedindo a Cascudo para escrever a **História do Rio Grande do Norte**. Pena que Sílvio não tenha alcançado a presidência da República, pois, aí, teríamos com certeza, uma belíssima **História do Brasil**, escrita por Cascudo, naquele seu estilo gostoso, com a maior erudição.

Agora, retomando o fio da meada. Lembrei-me daquela frase de Cascudo, por conta da feira de vaidades em que a nossa cidade se transformou, desde algum tempo. Ao que me consta, genialidade e modéstia, não são incompatíveis.

Ney Marinho, que não tem nada a ver com isto, um cara simples e amigo de todos, não obstante sua cultura respeitável e viva inteligência, tem uma história que ratifica perfeitamente a filosofia de Cascudo.

Foi Cromwell Tinoco quem me contou essa história de Ney, no tempo em que nós ainda trabalhávamos juntos, no Ipase, fim da década de quarenta, começo dos anos cinquenta. Aliás, não é apenas uma história. São duas, muito embora a primeira não tenha nada a ver, diretamente, com a frase de Cascudo, mas, pelo espírito

Ki-tanda



FRUTAS, VERDURAS, CARNES,
MEL DE ABELHA E ENGENHO,
OVOS CAIPIRA, GALETO, PRODUTOS DO SERTÃO,
FRIOS, BISCOITOS E DOCES CASEIRO.

Av. Antonio Basílio, 2705 - Lagoa Nova-
Tel.: 206 - 5612 - Natal - Rio Grande do Norte

CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917 / 981-2085

delicioso do "causo", vale a pena registrá-lo aqui, para conhecimento dos contemporâneos e dos pósteros.

Ney estudava na escola primária. Vai, um dia, a professora resolveu promover uma sessão de declamação.

-Seu Ney, venha aqui, para declamar uma poesia.

Ney não se fez de rogado, foi lá e declamou:

"Quando eu era pinto novo,
comia milho na mão.
Hoje que sou galo velho,
como com o bico no chão".

A professora apanhou a deixa e, completou, irônica:

"Vá-se embora para casa,
com dez dias de suspensão".

Mas, a grande história de Ney, mesmo, é a segunda, a que tem relação direta com o consagra/desconsagra de Cascudo.

Ney estudava no Curso Ginásial. O professor de História do Brasil era o saudoso Professor Clementino Câmara, que conheci pessoalmente, no Ateneu. No dia da prova final, oral, o mestre, tremendamente cioso de suas responsabilidades de Professor, crivou o aluno de perguntas as mais diversificadas e difíceis. Ney não

acertou uma. Já cansado de tanta "ignorância", Clementino sentenciou do alto de sua sabedoria:

-Levante-se, seu Ney, e não diga nunca a ninguém que foi meu aluno de história!, ao que Ney teria respondido, na sua irreverência de adolescente, com a maior cara-de-pau:

-Ora, que besteira, Professor! O senhor pensa que é o bicho mais danado desse mundo, mas, chegue ali em Macaíba que ninguém sabe quem é o senhor!

É aí que os caminhos de Ney e de Cascudo se encontram.

Quem sabe, um saudável passeio de alguns "gênios" natalenses à terra de Auta de Souza não os reporia no devido lugar, fazendo-os ver que, não apenas Natal, mas, o Rio Grande do Norte todo, "não consagra nem desconsagra ninguém" ? Com exceção de Cascudo, é claro.

Janeiro de 1998

Deífilo Gurgel - poeta e folclorista

Self-Service, Churracos,
Tira-gosto, Sobremesas e
a cerveja mais gelada
de Natal.

Vitelo's
BAR E RESTAURANTE



Av. Cap. Mor Gouveia - Ceasa Shopping - Loja 30 - Tel.: (084) 231 - 2033
(em frente ao SESI SENAI)

Arabaiana



Arabaiana
RESTAURANTE



Arabaiana
GRILL



Arabaiana
FAST

12 anos de tradição no mercado gastronômico.

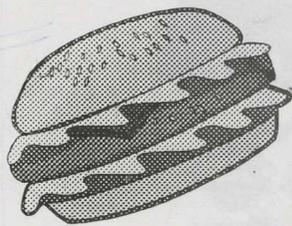
No jantar temos traslado gratuito,
faça sua reserva.

Funcionamos todos os dias.

Av. Eng. Roberto Freire, 9036 - Ponta Negra - Natal/RN
Telefax: (084) 236-3005



Reveillon de 1951 / 52 no Aero Clube do RGN.
Da esquerda para a direita: Não identificado,
Cromwell Tinoco, Luís da Câmara Cascudo
e Ney Aranha Marinho.



No seu caminho sempre tem **O SANDWICH**

**DISK
SANDWICH**

236-2667
202-2109

Segunda abre de 16:00hs até 1:00h
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00hs da manhã
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs.

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis
Estrada de Ponta Negra, 9090
Via Direta Outlét Shopping - Loja J4